

A DESCONSTRUÇÃO DO SER-MÃE: O CORPO SEM ÓRGÃOS FEMININOS E A DESROMANTIZAÇÃO DA MATERNIDADE NO IMPROVISO "DARLUZ", DE MARCELINO FREIRE

THE DECONSTRUCTION OF THE MOTHER-BEING: THE FEMALE BODY WITHOUT ORGANS AND THE DE-ROMANTICIZATION OF MATERNITY IN "DARLUZ", BY MARCELINO FREIRE

Natália Oliveira MOURA

Bruna Rafaelle de Jesus LOPES

Resumo: Uma das funções sociais, justificada por questões biológicas, que ainda é designada à mulher, é ser mãe, de maneira que muito se associa a completude do ser-mulher à maternidade, ou seja, ser mulher por inteiro está relacionado à gestação e a uma espécie de “condição eterna” da maternidade. Tendo isso em vista, o presente trabalho visa analisar a desconstrução do sentimento materno proveniente de uma romantização configurada em torno da maternidade, no improviso “Darluz”, de Marcelino Freire, presente no livro *BaléRalé* (2003). A personagem que narra descaracteriza a construção social da relação de maternidade, evidenciando a pouca relevância que dá à responsabilidade a qual lhe é designada e a ausência de amor por seus filhos, pelo simples fato de não os enxergar como seus. Ela gera e seu parto é para os outros. Assim, considerando o conceito de corpo sem órgãos (DELEUZE; GUATTARI, 1997), vê-se, no texto freiriano, como o corpo feminino estilhaça uma hierarquia funcional dos órgãos, causando o abalo daquilo que é predeterminado por instâncias controladoras (LOURO, 2008), as quais incidem sobre a mulher e seu corpo e se potencializam, sobretudo, pela condição de subalternidade.

Palavras-chave: Literatura Brasileira; Maternidade; Corpo Feminino; Darluz; Marcelino Freire.

Abstract: Being a mother is one of the social functions that continues to be assigned to women and justified by biological conditions, so that the essence of being a woman is associated with motherhood and its relation to pregnancy, and to a kind of “eternal condition” of motherhood. The present work aims to analyze the deconstruction of maternal intuition/identification from a romanticized motherhood, in Marcelino Freire's improvisation “Darluz”, present in the book *BaléRalé* (2003). The narrator mischaracterizes the social construction of the maternal relationship, demonstrating the irrelevance of the responsibility assigned to her and the absence of love for her children, for the simple fact of not seeing them as her own. She gives birth for others. Thus, considering the concept of body without organs (DELEUZE; GUATTARI, 1997), in Freire's text, the female body shatters a functional hierarchy of organs, causing the disruption of what is predetermined by controlling instances (LOURO, 2008), which focus on the woman and her body and are strengthened, above all, by the condition of subordination.

Key-words: Brazilian literature; motherhood; female body; Darluz; Marcelino Freire.

Introdução

"Ele me deu uma trabalhadeira. Uma trabalhadeira. Parecia que nem queria nascer. Mas ele saiu. Menino é difícil de carregar. Você não teria como saber mas é. Foi um baita estardalhaço para ele nascer e para manter ele vivo. [...] Depois de todo aquele auê, só de tirar ele de dentro e manter ele vivo, ele queria rastejar de volta para o útero e bom... Eu já não tinha espaço mesmo se ele conseguisse voltar. Não tinha espaço para ele no meu útero. [...] Eu tinha bastante espaço no meu coração, mas não no meu útero, não mais." (Toni Morrison)

Sabe-se que, à mulher, são impostas diversas funções sociais que a restringem enquanto indivíduo e que visam podar as potencialidades do corpo e do ser femininos. São estipuladas, na sociedade machista e patriarcal, maneiras de agir, de se comportar e, estendendo ao capital, de consumir, sendo essas determinações apresentadas à mulher de maneira explícita, forçosa, como também velada, incutindo uma falsa ideia de voluntariedade e, conseqüentemente, minando as possibilidades de questionar determinadas “convenções” sociais.

Nesse sentido, é incontestável que as construções de gênero e da sexualidade, como bem mostra Louro, ocorrem por meio de inúmeras aprendizagens as quais se dão nos mais diversos contextos sociais e culturais, sendo este um “processo minucioso, sutil, sempre inacabado” (2008, p. 18). Entretanto, não se pode deixar de destacar as transformações que se proliferaram nesses campos nos últimos anos e que promoveram vários avanços no que diz respeito à sexualidade e gênero, transgredindo ideais e “verdades” estabelecidos como inalteráveis e universais.

Porém, por mais que categorias e setores diversos estejam sendo, felizmente, modificados, a maternidade ainda se apresenta fortemente como uma “condição eterna” da mulher no estatuto social. Justificada por questões biológicas, a maternidade aduz-se como um papel inerente ao ser feminino, promovendo, assim, a submissão da mulher à idealização de um comportamento materno absorvido desde a sua infância. Ou seja, criam-se conjuntos de estruturas que perpetuam o ideário materno – os quais passam a incidir no momento em que ainda são meninas e se estendem por toda a vida – incutindo intrinsecamente a ideia de que a completude do ser-mulher se dá apenas no momento em que elas se tornam, enfim, mães. No entanto, essa idealização implica numa visão romantizada da maternidade, a qual apaga a individualidade de cada mulher e corrobora um comportamento de subserviência e cuidado (retirando, delas, muitas vezes, a possibilidade de escolha) pautado em um instinto maternal.

Trazendo, desse modo, essa discussão para o âmbito literário, podemos observar como se configura a potencialidade feminina dentro da arte. Deparamo-nos com diversas narrativas

em que as mulheres se apresentam como pulsão de ruptura com o que se mostra como imutável e incontestável, configurando-se como uma força molecular que desterritorializa um mundo masculino, dando lugar ao novo: é o devir-mulher (DELEUZE; GUATTARI, 1997). Segundo os filósofos franceses, o devir-mulher é a porta de entrada para todos os outros devires, porém ele não se configura por uma oposição binária entre homem e mulher. Também não diz respeito à imitação de uma mulher, o devir-mulher não é a tentativa de captura de uma essência ou forma femininas, mas sim à emissão de partículas que permitem a produção molecular de uma mulher que se escorre por entre, pela vizinhança, como linha de fuga que se escapa da molaridade masculina, fixa, esvaziando, assim, um padrão majoritário.

Destarte, ao se pensar a produção literária como instância expressiva de fluxos que atravessam os dualismos, a mulher – enquanto devir – surge como potência de criação. Marcelino Freire, por meio da sua escrita, lança-se em um “devir minoritário que o arranca de sua identidade maior.” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 77), ou seja, sua identidade masculina é desestabilizada por um devir-mulher, este que possibilita a produção criativa feminina, evidenciada em suas personagens, as quais sempre estão em constante ruptura com o modelo macro/molar. Aqui teremos Darluz, mulher que desconstrói uma personalidade maternal. Darluz é mulher não por ser mãe, mas por romper com as expectativas sociais de como se deve ser mãe; Darluz é mulher não por gerar, mas por subverter uma ordem disciplinante que incide sobre o corpo feminino. Por fim, Darluz choca com o seu discurso, mas põe em questionamento determinismos que são direcionados à mulher e a põe como sujeito unicamente responsável.

Dar luz: a maternidade e o abandono

No texto freiriano “Darluz”, o qual o autor denomina de improviso, juntamente com os outros 18 lances ficcionais que compõem *BaléRalé* (2003), deparamo-nos com uma mulher que encara a maternidade de uma maneira nada convencional. A personagem que fala, denominada de Darluz – nome este que surge como uma espécie de jogo de sentidos – é uma mulher que gera e dá à luz a várias crianças, porém ela não demonstra sentir afetividade alguma por elas. O que a uma primeira leitura pode promover um impacto justo pela ruptura com o esperado de uma mãe, devido à forma como ela se refere aos seres que são gerados por ela e ao “destino” que dá a eles, como sendo uma espécie de “descarte”, em um segundo momento faz-se questionar o que determina a relação de afeto contínua e inabalável entre a mãe e o filho. Isto é: a que se deve esse amor incondicional? E ainda, de que maneira se constrói esse amor?

Darluz vive em meio à pobreza e enxerga no abandono a alternativa para se fugir da miséria. Ela utiliza as crianças como forma de sobrevivência, como moeda de troca: as vende, bem como o leite que produz, ou simplesmente as dá para que tenham um provável futuro distinto de seu presente. Porém, os atos de permuta não trazem consigo nenhum tipo de remorso ou tristeza da parte de Darluz: configuram-se como sendo uma das poucas certezas das quais tem na vida, como podemos perceber nos trechos a seguir:

Dei José, dei Antônio, Maria, dei. Daria. Dou. Quantos vierem. É só abrir o olho. Nem bem chorou, xô. Não posso criar. É feito gato, não tem mistério. É feito cachorro na rua, rato no esgoto. Moço, quem cria? É fácil pimenta no cu dos outros. Aí vem a madame, aí vem gente dizer: arranje um trabalho. Arranje você. Me dê o trabalho, agora. (FREIRE, 2003, p. 57)

Agora deixar florzinha morrer murcha. Já vendi até leite do peito, você acredita? Vendo. Teta, treta, entende? Alimentei aí um bichinho que a mãe não quis dar pra ninguém. Fica ali, agarrando o filho na miséria, pode? Peito tá morto, não tem leite? Eu dou, mas cobro. Troquei por um sofá, não lembro.

Fiz negócio. (FREIRE, 2003, p. 59)

O verbo "dar", conjugado nas três temporalidades, evidencia a inexistência de um arrependimento (dei, daria, dou), isto é, subentende-se que há, por parte dela, uma intenção de dar continuidade ao ato de renegar esses filhos como sendo seus, ela gera e seu parto é para os outros:

Menino é para largar mesmo. Agora dizer que dá um peso no peito, a consciência chumbada, que nada, não tem essa. Vem você morar nesse buraco. Vem você dar um jeito no mundo, repartir seu quarto. Nunca. Esse olho é irmão desse. (FREIRE, 2003, p. 58)

Nesse sentido, vê-se que Darluz faz do abandono um ato libertador, o qual configura sua independência de uma força controladora enquanto sujeito, evidenciado na coragem de não só praticá-lo, como também de assumi-lo abertamente para um possível ouvinte de sua história. Tendo isso em vista, é essencial destacar que o improviso freiriano não se trata de uma espécie de “apologia ao abandono”, mas permite observar, por meio da construção de Darluz (ela, que remete a tantas outras mulheres) diversas estruturas de poder que incidem sobre o feminino e provocam, muitas vezes, consequências irreversíveis à sua percepção enquanto ser. O abandono presente na narrativa, por exemplo, escancara que culpabilização pela ação de abandonar recai, quase sempre, unicamente sobre a mulher, isto é, a mulher que decide não cuidar dos filhos os quais põe no mundo torna-se um ser monstrificado, abominável, cruel, pois junto com a

renegação está a renúncia de um instinto materno imanente à mulher, claramente construído por um discurso coletivo que incide de maneira arbitrária sobre os comportamentos sociais.

Porém, Darluz, em seu discurso tomado de coragem, direciona a percepção do leitor às mais distintas facetas do abandono, ao se destacar a importância de observar os diversos contextos em que ele ocorre e as mais variadas formas que se configura: o abandono da mulher por seu companheiro, o abandono do pobre pelo Estado, o abandono do filho pela mãe, mostrando que, este último, ocorre de maneira evidente, mas também velada, socialmente aceita, quase imperceptível, que não incomoda, pondo em questão a própria ideia de maternidade:

Dizer que ninguém abandona ninguém, que toda mãe é mãe até o fim, tá aqui, ó. Sou mais mãe que muita mãe por aí. Leva o filho para escola e abandona. Leva o filho para o shopping e abandona. Para a puta que pariu e abandona.

Pelo menos fui corajosa, não fui? Tive peito, não tive? Fala. Quem assume essa postura, qual o filho da mãe? Vai, diz. Quem, menina? (FREIRE, 2003, p. 59)

Todo abandono é uma espécie de renúncia e implica em uma ausência. Entretanto, na vida de Darluz, essa ausência provocada pelo abandono é tão constante que a falta assume lugar de presença. Ela se mostra como uma mulher obrigada a abandonar por ser duplamente produto da ausência: tanto pela sua condição de miséria, que a obrigou utilizar as crianças como maneira de sobrevivência; como também pela falta de afeto em sua vida, que a impossibilita de ter um sentimento o qual nunca a ela foi direcionado. Ela devolve ao mundo o que a ela foi dado: desprezo, miséria, violência, desafeto.

Agora a mulherada de hoje, na frescurinha. Ultra-som, escutar a batidinha do coração. Dão muita importância para o amor. Amor, quem me deu? Altamiro, esse porco? Já viu amor entre porco, entre sapo, entre pombo? (FREIRE, 2003, p. 58-59)

No trecho acima, percebe-se que a personagem realiza uma associação entre o seu relacionamento e as relações animais, mostrando que a falta de afeto se configura devido a uma provável incapacidade de racionalizar os sentimentos, ou seja, tomar consciência dos sentimentos e refletir acerca deles impede-a, assim como a Altamiro, seu quarto marido, de dar dimensões outras ao que se sente. Nesse sentido, Darluz nos direciona para uma reflexão sobre o analfabetismo emocional. Como ensinar, como sentir, como nomear algo que antes nunca fora

experimentado? Ou, ainda, algo que, se experimentado, não veio embalado no “amor romântico”, ao contrário, veio em forma de “filho de uma jumenta”:

Agora esse filho de uma jumenta vem pra cima de mim, o Altamiro. Marido merda, entende? Vem aqui, tira o caralho do corpo, bêbado. Eu aguento. Tenho mais pena do caralho dele do que de José, Antônio, Paulo, Juscelino. Melhor que ter filho morto, tenho esse orgulho. Todos nasceram vivos. Dou, dou, dou, Altamiro. (FREIRE, 2003, p. 60)

É possível observar, mais uma vez, a animalização nas relações, ela que tem um “marido merda”, “filho de uma jumenta”, o qual “tira o caralho do corpo, bêbado” e ela “aguenta”. Não existe sentimento, não há nenhuma experiencição de afeto e essa falta é naturalizada. Notamos aqui três tipos de relações desafetuosas: a materna, a matrimonial e a relação com a sogra. Todas carecendo de humanidade. Porém, como cobrar afeto na miséria? Ao que parece, o único afeto que ela aprendeu a sentir é “pena” da necessidade sexual de seu marido, que fica evidente quando ela afirma ter “mais pena do caralho dele do que de José, Antônio, Paulo, Juscelino”. Levanta-se aqui a questão de que é ensinado às mulheres que devem “aguentar” e satisfazer os seus companheiros. Um marido que não tem suas necessidades sexuais atendidas é digno de pena, por isso, ela dá seu sexo a Altamiro e, posteriormente, dá seus filhos, pois é apenas nesse ato de dar-se, de se dar e dar, sobretudo, o que vem de si, que ela encontra algum prazer em existir. Embora fique evidente a ausência de um sentimento materno que se aproxime do que se entende por amor, ela tem orgulho de si mesma porque sabe que dela vem a vida, afinal, todos os seus filhos nasceram vivos.

Além disso, ao retomar a questão sobre a responsabilidade do abandono ser atribuída quase sempre à mulher, Darluz corrobora a ideia, tomando a história bíblica da morte de Jesus: “Veja, Maria, pôs Jesus no mundo, filho do Espírito Santo. O Pai largou. Você viu como José sumiu, se evaporou? Maria é que foi lá, no pé da cruz, se arrepender (FREIRE, 2003, p. 58). Isso mostra a naturalização que esse fato toma na sociedade ao evidenciar o unilateralismo, também, quando critica o comportamento de seu atual marido, Altamiro, que em nada parece se diferenciar dos seus parceiros anteriores:

Sei que quando morrer não vou para o inferno, já estou aqui. Só saio daqui para outro canto. Falo isso para o Altamiro, ele ri. Meu quarto marido, o Altamiro. Porra de marido. Só tem homem vagabundo no mundo. Por isso salvo os meninos. Faço mais do que o governo faz. Faço e dou destino [...]. (FREIRE, 2003, p. 58-60)

Por fim, fica evidente a crítica que Darluz realiza ao Estado: a filha que provavelmente foi abandonada por sua família é também uma filha abandonada da sua pátria, a qual deveria ser a principal responsável por assistir pessoas em condições de subalternidade, como ela. Entretanto, Darluz se diferencia, mais uma vez, como contrária a essa força despótica que busca silenciá-la, paralisá-la, quando se apresenta enquanto diferença: ela dá a vida e salva vidas. A protagonista de Marcelino Freire doa o filho sem culpa, pois ela o está salvando da miséria, da morte, e carrega o fardo do julgamento social. Já a protagonista da história cristã, Maria, é obrigada a dar seu filho ao mundo, entregá-lo à morte em nome da “salvação da humanidade”. A nossa sociedade dar à luz a muitas Marias que geram seus filhos para morrerem vítimas de um governo genocida.

O útero como potência de ruptura e o corpo sem órgãos

Como visto, Darluz rejeita a maternidade como instância determinante para a completude do ser-mulher, desconstruindo uma visão romântica da relação materna com suas atitudes, seu discurso duro, contrário a um amor incondicional, combatendo, então, um poder dominador que reafirma posturas e discursos despóticos sobre a mulher. Ela se lança em combate contra as formas de dominação, opressão, controle e poder. Darluz, a partir do momento em que se nega a ser a mãe que a sociedade espera, rompe com uma determinação social. Como nos mostra Louro, as instituições sociais, aqui vistas como mecanismos de controle e territorialização, são as responsáveis por determinar funções e minar singularidades que se opõem a esse poder macro.

Família, escola, igreja, instituições legais e médicas mantêm-se, por certo, como instâncias importantes nesse processo constitutivo. [...] Vivemos mergulhados em seus conselhos e ordens, somos controlados por seus mecanismos, sofremos suas censuras. As proposições e os contornos delineados por essas múltiplas instâncias nem sempre são coerentes ou igualmente autorizados, mas estão, inegavelmente, espalhados por toda a parte e acabam por constituir-se como potentes pedagogias. (LOURO, 2008, p. 17)

São essas pedagogias responsáveis por ensinar e fixar os limites, sobretudo, da singularidade feminina. Assim, Darluz surge duplamente como máquina: ao combater esse poder negando-se ser o que a sociedade cobra: mãe afetuosa e disposta a cuidar de seus filhos, mesmo que sozinha, sem medir esforços; bem como por dar à luz em série, como maneira de

sobrevivência. Nesse caso, o útero materno perde sua função orgânica, assim como o seio, revelando, então, como o corpo feminino estilhaça uma hierarquia funcional dos órgãos, causando o abalo daquilo que é predeterminado por instâncias controladoras, as quais põe Louro, e também biológicas.

Assim, dá-se lugar ao que Deleuze e Guattari (1996) denominam de corpo sem órgãos, conceito desenvolvido por eles, mas tomando de empréstimo de Artaud. Porém não há uma definição precisa do corpo sem órgãos: ele se apresenta como práticas que promovem a fuga dos órgãos de suas funções puramente orgânicas. Nosso corpo trabalha como uma espécie de máquina, ao organismo são atribuídas funções que capturam nossa subjetividade e desejos, pondo-nos sempre a serviço de algo útil, como nos mostra os filósofos:

O organismo não é corpo, o CsO, mas um estrato sobre o CsO, quer dizer, um fenômeno de acumulação, de coagulação, de sedimentação que lhe impõe formas, funções, ligações, organizações dominantes e hierarquizadas, transcendências organizadas para extrair trabalho útil. (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 19-20)

Tendo isso em vista, pode-se pensar em Darluz como intrinsecamente presa às organizações dominantes e não como CsO, pois ela se utiliza da força orgânica de seu útero e seio lactante para extrair um trabalho que permite a ela a sobrevivência. No entanto, é fundamental perceber a fissura que ela promove a esse sistema de poder com o seu corpo desterritorializado e autônomo: ela penetra neste sistema utilizando-se de seus mecanismos de dominação para causar um abalo em sua estrutura. Darluz ressignifica determinações de uso do corpo e, com ele, ideias e ideais de mulher e maternidade. É a potencialização dos órgãos ao eles adquirirem funções outras, para além da biológica, para além do organismo, é torná-los infinitos: “Peito tá morto, não tem leite? Eu dou, mas cobro” (FREIRE, 2003, p. 59), e dá vida.

CsO já está a caminho desde que o corpo se cansou dos órgãos e quer licenciá-los, ou antes, os perde. Longa procissão: — do corpo hipocondríaco, cujos órgãos são destruídos, a destruição já está concluída, nada mais acontece, "A Senhorita X afirma que não tem mais cérebro nem nervos nem peito nem estômago nem tripas, somente lhe restam a pele e os ossos do corpo desorganizado, são essas suas próprias expressões"; — do corpo paranoico, cujos órgãos não cessam de ser atacados por influências, mas também restaurados por energias exteriores. (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 9)

As influências, nesse caso, podem ser consideradas como todas as instituições sociais que buscam definir e limitar a funcionalidade do corpo, sobretudo o da mulher, porém essas

energias exteriores são a força necessária para que haja uma revolução desse corpo, uma tomada de posse, e ele se mostre emancipado, singular, revolucionário.

Considerações finais

“Darluz” é um improviso forte, que causa as mais diversas sensações em quem o lê. A leitura apresentada, aqui, permite que lancemos o olhar para questões de bastante intensidade dentro do universo feminino, como imposições sociais que definem os modos de pensar e de se comportar, emancipação do corpo, direito de escolha, o abandono da mulher e a maternidade.

Como dito anteriormente, apesar das diversas mudanças que vêm ocorrendo no campo social, a maternidade ainda é uma cobrança frequente às mulheres, muitas vezes retirando a capacidade de escolha e inculcando, nelas, uma falsa ideia de que ser mulher por inteiro apenas se dá no momento em que se tornam mães e, não só isso, deve-se dar continuidade ao processo de maternidade até o fim de suas vidas: mãe é mãe para sempre.

Darluz, por sua vez, revela-se como aquela que gera. Não demonstra afeto pelas crianças – sentimento que nunca conheceu – é dando a vida que ela se salva da morte e salva àqueles a quem pôs no mundo. E se finda com uma pergunta que insiste em persistir: o que a torna menos mãe que outras mães?

Aqui, vemos uma realidade que muitas vezes é invisibilizada por ser difícil de ser pensada e bastante dolorosa, mas Darluz surge rompendo com esse silêncio e com a negação, por meio de sua coragem em assumir o abandono, abandono esse que carrega consigo um enorme peso social por partir justamente da pessoa cujo amor deve ser incondicional: a mãe. Esse ato de negação, de rejeição, impacta devido à idealização de uma maternidade pautada no imaginário de afetividade irrestrita, mas que é naturalizado, muitas vezes, quando parte da figura paterna, considerando que, segundo o IBGE (2018) 11,5 milhões de mulheres brasileiras são mães solo. Isso nos põe defronte daquilo que se busca omitir e, também, de assumir uma postura que desconstrói a visão romântica da maternidade.

Darluz também rompe com a áurea de uma maternidade sagrada a partir das reflexões sobre a mãe mais santa da história das religiões, a virgem Maria. Se a mãe de Deus foi capaz de gerar um filho e doá-lo para que morresse pelos pecados da humanidade, a personagem freiriana, como pecadora, nega-se a ter filhos mortos e orgulha-se disso.

A virgem foi santificada pelo gesto da doação – a qual ela não teve alternativa, era a sua missão no mundo, gerar o filho de Deus –, enquanto Darluz é moralmente julgada por essa sociedade que o filho de Maria, Jesus, veio salvar. Mais uma vez a culpa recai sobre os ombros

da mulher, e Darluz nos lembra: “Você viu como José sumiu, se evaporou?”. A narrativa cristã deixa muito claro o papel da maternidade como sagrado, como completude da mulher, independente da presença de um pai. Vemos, assim, essa narrativa se reproduzir na realidade brasileira.

A protagonista freiriana também direciona nossos olhos para o descaso governamental com os filhos da nação. A pátria idolatrada no Hino Nacional brasileiro, diferente de Darluz, é amada e é uma “mãe gentil”, porém, abandona-os na miséria e os deixa morrer. Darluz, apesar do desamor, dá destino, ou, pelo menos, dá um destino o qual julga ser mais satisfatório do que a realidade em que (sobre)vive, a qual denomina de “inferno”, esse que ela não teme viver após sua morte, pois já se configura como sendo sua própria vida.

Seu útero se lança como oposto à ideia do coração materno, aquele lugar em que sempre há espaço para o amor e para amar. Longe da doçura e do acolhimento, tem-se, em Darluz, a rejeição da naturalidade e do naturalizado: seja pela disfunção do útero materno quando se percebe que, mesmo este sendo o órgão responsável pelo desenvolvimento do feto, ele trabalha como máquina de produção; seja pelo desapego ao que foi por ela gestado, pois seu único prazer, enquanto mãe, é a satisfação de ver os filhos nascerem todos vivos.

Sem os laços afetivos da maternidade, Darluz denuncia o quanto as mães vivem em função de seus filhos e de seus maridos que, em boa parte das vezes, não têm compromisso algum com a paternidade.

Referências

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia vol. 3*. Tradução de Aurélio Guerra Neto et alii. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

_____. *Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia vol. 4*. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 1997.

FREIRE, Marcelino. *BaléRalé*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Pro-posições*. Campinas, v. 19, n. 2 (56), p. 17-23, maio/ago. 2008.

MARQUES, Gleyce. O abandono paterno e a culpabilização da mulher. In: *Periódicos UFPB*. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/rl/about/submissions#authorGuidelines>>. Acesso em 20 de junho de 2021.

MORRISON, Toni. *Sula*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

CREDECIAIS

NATÁLIA OLIVEIRA MOURA

Graduada em Letras (Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Especialista em Literatura e Ensino pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Mestre e Doutoranda em Literatura Comparada pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGEL-UFRN). **Endereço eletrônico:** nataliaomoura@yahoo.com.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5861470730799433>

BRUNA RAFAELLE DE JESUS LOPES

Graduada em Letras (Língua Portuguesa e Literaturas) e Letras (Língua Espanhola e Literaturas) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Especialista em Leitura e Produção de Texto (UFRN), Mestra e Doutoranda em Literatura Comparada pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGEL-UFRN). **Endereço eletrônico:** brunarjlopes@gmail.com

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2971816499434768>

Recebido em: 22/06/2021

Aceito para publicação em: 25/07/2021